

## MUSEU PESSOAL: INSCRIÇÕES BIOGRÁFICAS E PERFORMATIVAS DO HIV/AIDS

RAFAELA SOARES VILLAR<sup>1</sup>; GUSTAVO PIRES RIBEIRO<sup>2</sup>; ALINE PATRICIA NEVES RAMOS<sup>3</sup>; HUDSON W. DE CARVALHO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [rafaelasvillar@gmail.com](mailto:rafaelasvillar@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [gustavoppires7@gmail.com](mailto:gustavoppires7@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alinepnramos@gmail.com](mailto:alinepnramos@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [hdsncarvalho@gmail.com](mailto:hdsncarvalho@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está articulado ao grupo de estudos PositHIVes – uma iniciativa vinculada ao curso de psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – e tem como meta construir um saber coletivo, mobilizador e socialmente referenciado sobre o vírus da imunodeficiência humana (HIV) e a síndrome da imunodeficiência humana adquirida (AIDS). Devido à conjuntura de isolamento social em virtude da pandemia de COVID-19, o grupo se consolidou através de encontros remotos semanais e tarefas individuais e coletivas mediadas pela Internet.

PositHIVes, ainda, busca uma lógica pós-disciplinar através de exercícios coletivos de ensino-aprendizagem que articulem com horizontalidade “alta teoria” (referências acadêmicas tradicionais), “baixa teoria” (expressões culturais populares) e conhecimentos biográficos, demarcando como o HIV/AIDS atravessou a vida do/da participante. Nesse sentido, um exercício utilizado foi a construção e performance de museus pessoais: uma estratégia dramaturgista que permite a curadoria de memórias, afetos, objetos e ficções pessoais por meio de deslocamentos narrativos próprios e poéticos.

Os museus pessoais são possibilidades que a pessoa tem de construir uma narrativa/poética subjetiva sobre um tema que atravessa sua história e seu corpo por meio da seleção de objetos, memórias e símbolos que, quando performados frente a um coletivo, possibilitam a construção compartilhada e emocional da memória. Um museu não pressupõe tipos específicos de linguagem, podendo ser estabelecido por meio de fotografia, instalação, discurso, poesia ou da articulação entre todas estas e tantas outras. Os deslocamentos criados pelo uso consciente de autoficção em campos de estudo/pesquisa possibilitam a criação de novas possibilidades epistêmicas (ALBUQUERQUE, PALAZUELOS, TREVIZANI, 2017), assim como permitem que o sujeito-pesquisador-performer se desvincule do pensamento sobrecarregado de representações, pré-conceitos e pressupostos que limitam a existência do objeto de pesquisa, para que então possa acessar a complexidade que circunda a realidade em que estamos inseridos (ALBUQUERQUE, PALAZUELOS, TREVIZANI, 2017).

Os museus deflagram o caráter rizomático do fenômeno de estudo (HIV/AIDS): múltiplo e relacional, não hierárquico, que se amplifica ao defrontar-se com as conexões que o produz e dele são produzidas (ZAMBENEDETTI, SILVA, 2011). Cada produção representa um olhar possível ao passo que simultaneamente deflagra a subjetividade do pesquisador, possibilitando experimentações de autodescoberta.

O objetivo do presente trabalho é mostrar a lógica cartográfica que orienta e subsidia a construção/performance de museus pessoais. Ainda, pretende-se

argumentar em favor da potência pós-disciplinar desta prática na produção da complexidade do fenômeno HIV/AIDS.

## 2. METODOLOGIA

No primeiro encontro do grupo, foi proposta a criação de museus pessoais: cada participante deveria criar uma narrativa/poética sobre como o HIV/AIDS atravessou a sua história de vida, realizando uma curadoria de objetos, referências, narrativas e/ou registros. A forma, o conteúdo e a linguagem deveriam ser livremente escolhidos pelo proponente e os museus nunca seriam qualificados em termos de nota ou adequação, porém sempre problematizados a partir de outras discussões que ocorriam no grupo ou deslocamentos que teriam provocado ao serem performados.

Os museus deveriam, então, ser compartilhados (máximo de 10 minutos) como um ato performativo, a fim de comunicar com os outros participantes do grupo seus conteúdos e afetos. Esses atos ocorreram ao final dos encontros, imediatamente após a discussão ou exposição de algum texto/conteúdo específico e acadêmico sobre HIV/AIDS (alta teoria) e assim interferia neste conteúdo disciplinar ao passo que também tornava coletiva as memórias saberes do proponente, possibilitando a articulação entre diferentes formas de saber, trazendo novos relevos e sentidos para a questão do HIV/AIDS.

Outro aspecto relevante de relato, é o próprio trajeto metodológico, capturado aqui como um ato meta-construtivista, no qual o devir ético, estético e procedimental do pesquisador mobilizado pela questão de pesquisa é produto e produtor do próprio trajeto (ARAGÃO, BARROS, OLIVEIRA, 2005). Esse fazer metodológico, característico do método cartográfico, “esforça-se por desestabilizar as fronteiras entre pesquisador e campo, para que nessa passagem possam emergir focos de invenção, de alteridade” (PAULON, ROMAGNOLI, 2010). Na realização dos museus houve exercícios de rompimento de fronteiras disciplinares, conectando emergências subjetivas, despidas de neutralidade e distanciamentos epistêmicos, situada e comprometida com os atravessadores identitários, sociais e teóricos que circunscrevem a questão do HIV/AIDS.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da criação e performance dos museus pessoais do grupo, uma diversidade de temas emergiram de modo alternado entre subjetividades autoficcionais e alta teoria e, dentre eles, citamos: discursos e métodos relativos à prevenção à infecção por HIV, modos de expressar a sexualidade e fazer sexo, terapia antirretroviral (TARV), modelos e experiências com testes diagnósticos, a identidade do homem cis-guei, da mulher cis-lésbica e bissexual e a relação de mulheres com a testagem para identificação do HIV como associada a exames pré-natais e a maternidade. A referida alternância entre aspectos subjetivos e objetivos entre esses temas geram várias interferências, desestabilizando o isolamento hierárquico entre vivências pessoais e compartilhadas - tidas muitas vezes como acessórias sob uma ótica acadêmica tradicional - e a produção do saber científico formal, possibilitando, inclusive, a mudança de dinâmica interna do grupo, tornando os encontros mais afetivos e motivados pelo conhecimento de si e da outridade.

Percebemos que mesmo que a sorologia em nossos testes de detecção seja negativa (status sempre instável), nossos corpos, sexualidades e identidades foram e são forjadas pelas disciplinas, contra-disciplinas e tecnologias biopolíticas que emergiram a partir da epidemia de HIV/AIDS no mundo. O HIV/AIDS pauta a sociedade e os corpos de múltiplas maneiras ao longo do tempo e do espaço e, assim, pode-se observá-lo sob diferentes óticas não excludentes entre si, pontos de vista em um rizoma. A AIDS e, subsequentemente, o HIV podem ser entendidos como metáforas sociais (SOTANG, 1989) para as ansiedades e os preconceitos sobre comportamento sexual e corpos dissidentes de um cis-tema heteronormativo.

A identidade do homem cis-guei (de modo geral), assim como a dos homens cis-guei que participam do estudo foi e continua a ser imbricada a própria história e imaginário social do HIV/AIDS na humanidade. Renato Russo, Cazusa, Leonilson, Keith Haring, pesquisas sobre a relação entre ser guei, usar camisinha e outros métodos de proteção, políticas públicas de tratamento e as formas de se relacionar com o sexo são impensáveis de modo independente do HIV/AIDS. Contrastivamente, a vivência de mulheres cis-lésbicas - de modo geral, assim como das que participam do grupo - tem sido marcada por silêncio, por um vácuo, como se não houvesse relevância de se pensar o HIV/AIDS em seus contextos de vida. Isso se revela verdadeiro também em pesquisas, cujas estatísticas são raras para esse grupo.

A incorporação dos museus também possibilitou o exercício da pós-disciplinaridade: uma práxis que visa o rompimento da lógica disciplinar, ou seja, objetiva uma quebra das hierarquias entre saberes, entre sujeito-pesquisador-performer e o objeto-alvo (centro de análise), além de possibilitar um trânsito entre os papéis de docente e discente. A lógica disciplinar atua sobre os corpos relacionando, em primeiro lugar, a distribuição/restrição dos indivíduos nos espaços (FOUCAULT, 1977): quando se trata do espaço educacional formal, seja ele físico ou remoto, a disciplinaridade cria um enquadramento da prática pedagógica que permite o controle dos indivíduos, submetendo-os a uma hierarquia com plena vigilância, identificando aquilo que é adequado e inadequado para aquele momento. Então, a partir dos museus pessoais, realizamos exercícios pós-disciplinares.

Exercícios pós-disciplinares produzem um panorama que atualiza a forma de constituir o saber, visto que em cada perspectiva apresentada surgem novos questionamentos e propósitos que atravessam a pesquisadora/o e o próprio ato de conhecer a realidade (MORAES, MARRA, SIMIONE, 2016). Ainda, o saber coletivo proporcionado pela performance dos museus pode criar fissuras na relação hierárquica dos saberes, horizontalizando a biografia, a alta teoria e a baixa teoria de modo a criar condições para uma educação emancipatória e, a partir de inspirações de bell hooks (2013) e/ou Renato Russo, acabamos por (re)visitar lugares passados para construir novas encruzilhadas e futuros (HOOKS, 2013).

#### 4. CONCLUSÕES

Os museus revelam uma potência criativa e de ensino-aprendizagem a partir da reconfiguração dos diferentes saberes - alta teoria, baixa teoria, autoficção - como fontes de saber acadêmico e de si mesmo horizontais e não contraditórias. Ao nos defrontar com os conteúdos tanto pessoais quanto coletivos, houve um processo de desconstrução de saberes apriorísticos, revelando a transformação dos modos de pensar sobre o tema e alterando o próprio processo de aprender. O

museu pessoal tensiona a lógica disciplinar, tornando o conhecimento algo subjetivo. Percebemos, portanto, a importância dessa prática enquanto formadora não somente de profissionais, mas, também, de sujeitos no mundo, visto que não entendemos ser possível desarticular quem produz do que é produzido, seja na pesquisa, em práticas profissionais ou relações pessoais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. S.; PALAZUELOS, F. R.; TREVIZANI, T. M.. Imagem e Ficção na Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre , v. 7, n. 2, p. 88-105, ago. 2017 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2017000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000200007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 set. 2020.

ARAGAO, E. M.; BARROS, M. E. B. de; OLIVEIRA, S. P. de. Falando de metodologia de pesquisa. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 18-28, dez. 2005. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812005000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812005000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 21 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

MORAES, M. A. de; MARRAS, S.; SIMIONI, A. P. C. Disciplinar, inter-trans-multi-pós-disciplinar. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 64, p. 14-16, Aug. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0020-38742016000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000200014&lng=en&nrm=iso)>. acessos em 20 Set. 2020.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. C. Pesquisa-intervenção e cartografia: melindres e meandros metodológicos. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, n. 1, p.85-102, 2010. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n1/artigos/pdf/v10n1a07.pdf>>. Acesso em 20 set. 2020.

SONTAG, S. **Doença como metáfora. Aids e suas metáforas**. Companhia das Letras, São Paulo, 1989.

ZAMBENEDETTI, G.; SILVA, R. A. N. da. Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v. 23, n. 3, p. 454-463, Dec. 2011. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300002&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 21 Set. 2020.